



SER PARTE: POÉTICA E ADAPTABILIDADE EM EMERGÊNCIA CLIMÁTICA

BEING PART: POETICS AND ADAPTABILITY IN CLIMATE EMERGENCY

Valquiria de Oliveira Navarro¹
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
Associado/a/e ANPAP: não

RESUMO:

Este artigo apresenta a perspectiva inicial de uma investigação em arte que aborda as recorrentes mudanças climáticas. A pesquisa propõe pensar a coexistência harmônica entre humanos e não humanos a partir da observação de outros habitats, seus processos construtivos e funcionais, os quais também abrangem questões sociais e ambientais. A expressão "ser parte" surge como um convite para nos percebermos como parte natural desse sistema. Para tanto, busca-se que a produção em arte atue como ferramenta na percepção de que, certamente, somos parte.

Palavras-Chave: Arte contemporânea. Emergência climática. Coexistência. Habitar. Projeção em vídeo.

ABSTRACT:

This article presents the initial perspective of an art research project that addresses recurrent climate change. The research proposes thinking about harmonious coexistence between humans and non-humans based on the observation of other habitats, their constructive and functional processes, which also encompass social and environmental issues. The expression "being part of" is an invitation to perceive ourselves as a natural part of this system. To this end, the aim is for art production to act as a tool for realizing that we are certainly part of it.

KEYWORDS: Contemporary art. Climate emergency. Coexistence, Inhabiting. Video projection.

A Crise que se Torna Emergência

Faz algumas décadas que ouvimos sobre questões ecológicas, sobre a escassez de recursos e a necessidade de repensar nossas atitudes. No entanto, tudo sempre pareceu distante e desvinculado da nossa realidade. Mesmo as pessoas mais



preocupadas com o meio ambiente parecem não ter forças ou não perceber o real agravamento da situação e as pequenas ações diárias parecem insuficientes.

Catástrofes que pareciam distantes estão acontecendo diariamente ao redor do mundo, em uma velocidade acelerada. Não há continente que não tenha sido fortemente afetado pelas mudanças climáticas. Artistas do mundo inteiro vêm tentando encontrar formas de colaborar, indo além das iniciativas ecológicas, para trazer mais ação sobre essa emergência climática.

A definição de que estamos em uma nova era, na qual o planeta está sendo geologicamente modificado pela ação humana, foi abordada pelo químico holandês Paul Crutzen e pelo biólogo norte-americano Eugene Stoermer em um artigo da *Global Change*² no ano 2000, traduzido para o português pela revista PISEAGRAMA em 2015. Assim, os teóricos inauguraram o termo Antropoceno:

Considerando esses e vários outros crescentes impactos das atividades humanas na Terra e na atmosfera, que acontecem em todas as escalas possíveis – inclusive global –, parece-nos mais do que apropriado enfatizar o papel central da humanidade na geologia e na ecologia, propondo o uso do termo Antropoceno para a época geológica atual. Os impactos das atividades humanas vão continuar por longos períodos. (CRUTZEN E STOERMER, 2015, n.p.).

Esse conceito baseia-se nas atividades humanas, cujos processos de evolução têm cada vez mais afetado seu entorno. O crescimento da população humana, assim como a exploração de recursos da Terra, são fatores determinantes para a declaração dessa nova era geológica.

Ainda na mesma revista, em 2015, um texto do sueco Andreas Malm propõe que todos temos nossa parcela de culpa pela degradação do planeta. No entanto, a época geológica do Antropoceno deve ser atribuída apenas a alguns poucos e não a toda a espécie. Para ele, alguns povos certamente têm mais responsabilidade que outros. Levando em conta que a crise é vista como um choque entre as demandas da



humanidade, que se mantem em expansão, e um mundo finito, esgotado pelas necessidades de consumo de uma sociedade capitalista.

Tenho me deparado com a expressão “mais-que-humanos” quando se trata de estudos ambientais. Esse termo propõe pensarmos além da visão antropocêntrica tradicional, que coloca os seres humanos no centro de todas as considerações. Ele busca reconhecer e valorizar a interconexão de humanos e outras formas de vida, assim como os elementos não vivos do ambiente, e surge como uma crítica às abordagens que tratam a natureza como algo desvinculado da nossa existência e um recurso a ser explorado pelos humanos.

A Arte Contemporânea e as Mudanças Climáticas

As mudanças climáticas são uma das questões que definem a contemporaneidade. Nós, humanos, estamos causando alterações significativas no clima, cujos impactos sobre as pessoas e a natureza são cada vez mais aparentes, e os habitats estão passando por mudanças rápidas em resposta a essas alterações.

Essas mudanças nos afetam diretamente, impactando nossas moradias e causando desregulação em todo o nosso ecossistema. Estamos impactando o planeta de forma muito intensa. As alterações climáticas estão mais visíveis à medida que a humanidade “evolui” como sociedade de consumo e tecnológica. Não se trata de ser contra as inovações tecnológicas, mas sim de prever seus impactos e pensar no uso da tecnologia a serviço da vida, com tecnologias limpas, redução de lixo e descarte consciente, reuso e desenvolvimento sustentável.

A arte contemporânea tem se mostrado uma poderosa ferramenta para abordar a mutação climática. Artistas ao redor do mundo estão utilizando seus trabalhos para sensibilizar e conscientizar o público sobre a urgência de se fazer algo em relação às mudanças climáticas. Exposições e projetos artísticos têm explorado as consequências dessas mudanças e a necessidade de uma relação mais harmoniosa entre humanos e natureza.



extremos

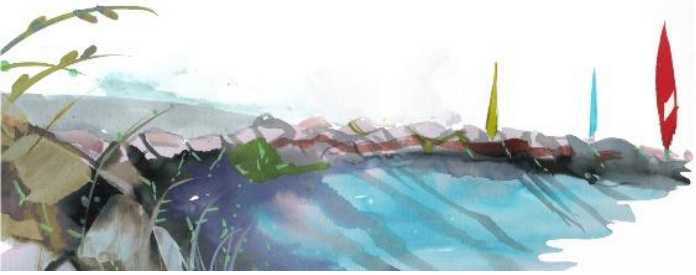
34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

Giorgio Agamben (2009), em seu ensaio “O que é o contemporâneo?”, propõe que ser contemporâneo é ter uma relação singular com o próprio tempo, aderindo a ele e ao mesmo tempo, tomando distância. Para Agamben, o contemporâneo é aquele que sabe ver além do escuro de seu tempo, sendo capaz de perceber uma luz, “essa luz que procura nos alcançar, mas não pode fazê-lo.” Assim, é possível considerar que a arte contemporânea também possa refletir sobre as extremas alterações do clima, na busca por provocar mudanças de consciência e ação.

Abordar as mudanças climáticas implica em estar consciente das reais necessidades em contemporaneidade, pois essa questão é muito mais ampla que a maioria das pessoas imagina. Vinculadas às transformações climáticas, encontramos questões sociais, econômicas, políticas e éticas. Proceder de forma contemporânea, para Agamben, implica em relacionar-se de forma singular com seu próprio tempo, e eu complementar que implica também na forma como nos relacionamos com nosso próprio ambiente.

James Bridle (2023, p. 25), no livro “Maneiras de ser: Animais, plantas, máquinas”, mais especificamente na página 25 da introdução, afirma que “Precisamos aprender a viver com o mundo, em vez de tentar dominá-lo. Em suma, precisamos descobrir uma ecologia da tecnologia.” Aqui ele se refere ao termo “ecologia”, cunhado por Ernest Haeckel, naturalista alemão, para designar “todas as condições de existência” e relações do organismo com seu ambiente. O termo³ deriva do grego “oikos/ekos” (casa, ambiente) e “logos” (saber, estudo), sendo vista a ecologia como o estudo do lugar onde habitamos, de todo ambiente que nos cerca e nos proporciona existir.

A produção em arte contemporânea vem utilizando sua capacidade de aproximação com as pessoas para gerar reflexão sobre questões climáticas. Artistas como Olafur Eliasson frequentemente trabalham com preocupações climáticas, utilizando elementos naturais para criar ambientes e gerar reflexão. Em sua página oficial, é possível encontrar, entre outros trabalhos, uma de suas obras mais emblemáticas sobre o tema: “*Ice Watch*” (Imagem 1), uma instalação em espaço público que



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

consiste em doze grandes blocos de gelo retirados do Oceano Ártico e dispostos em círculos, simbolizando o aquecimento e, conseqüentemente, o derretimento de geleiras. Desde 2012, também é possível encontrar a *Little Sun*, empresa social fundada por Eliasson e o engenheiro Frederik Ottesen, que produz e distribui lâmpadas e carregadores solares para uso em comunidades que não recebem energia elétrica, conscientizando sobre a necessidade e a possibilidade de expandir o acesso à energia limpa e sustentável.



Imagem 1. Olafur Eliasson Ice Watch, 2014, Bankside, em frente à Tate Modern, Londres, 2018.
Fotografia: Charlie Forgham-Bailey..Fonte: Estúdio Olafur Eliasson -
<https://olafureliasson.net/artwork/ice-watch-2014/>

Outro exemplo de artista contemporâneo é Daniel Canogar, que resgata tecnologias obsoletas, objetos descartados que há pouco tempo eram definidos como avançados. Ele os utiliza em seus trabalhos que envolvem projeções em vídeos (Imagem 2). Esses, no geral, partem de dados que respondem em tempo real a diferentes situações, apresentando animações generativas sobre mudanças climáticas, ciclos de



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

notícias e pesquisas de tendências no Google. Essas animações também são projetadas em telas curvadas, muitas vezes entrelaçadas, criadas especificamente para seus trabalhos, disponíveis em sua página oficial.

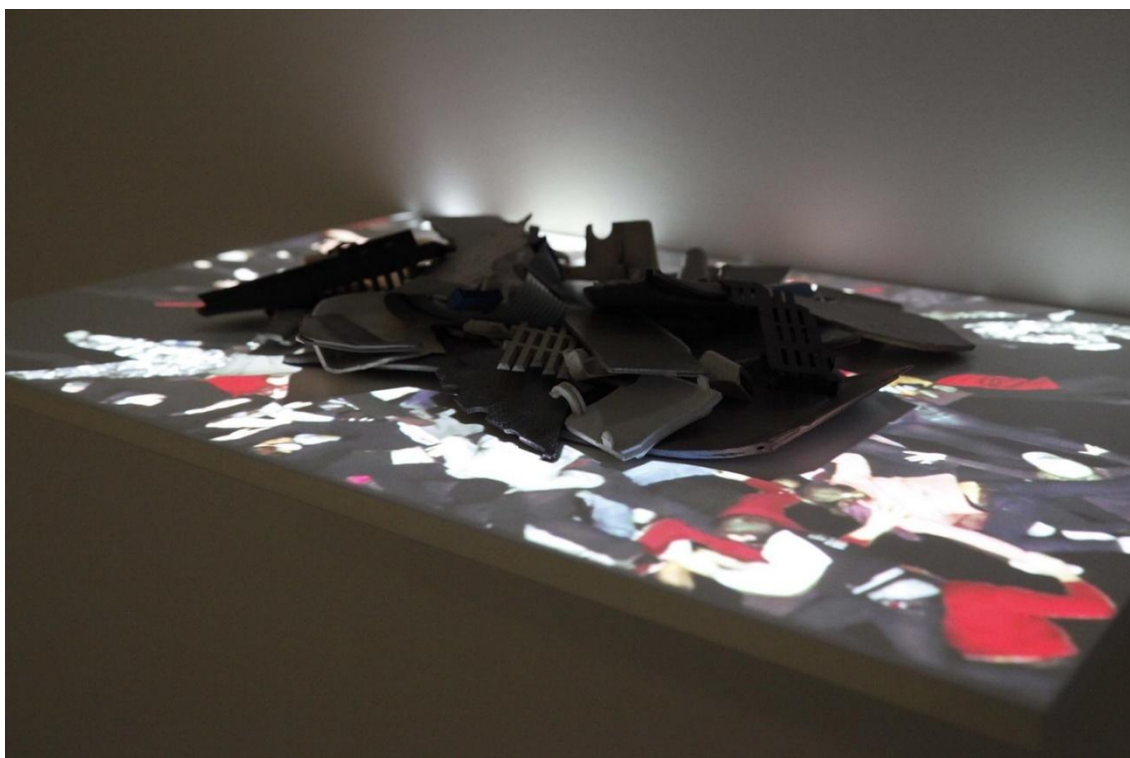
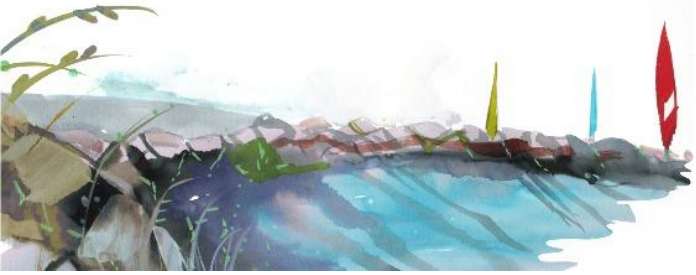


Imagem 2. Daniel Canogar, série Small Data: Peças eletrônicas descartadas, madeira, projetor, cartão de memória MicroSD. Videoloop de 03:14 min. Dimensões: 210 x 60 x 38 cm Fonte: Estúdio Daniel Canogar - <https://www.danielcanogar.com/work/esc>

A arte vincula-se de muitas formas às percepções de seu tempo, e o nosso tempo tem sido desafiador. Eventos extremos ameaçam vidas, patrimônios naturais, históricos e culturais. A produção artística também se manifesta em relação à emergência climática, transcende fronteiras e busca possibilidades de mudança, propondo práticas sustentáveis ou apenas nos alertando sobre a urgência de nos reconectarmos ao meio ambiente.

Formas de Habitar: Um Processo Criativo em Transformações Climáticas



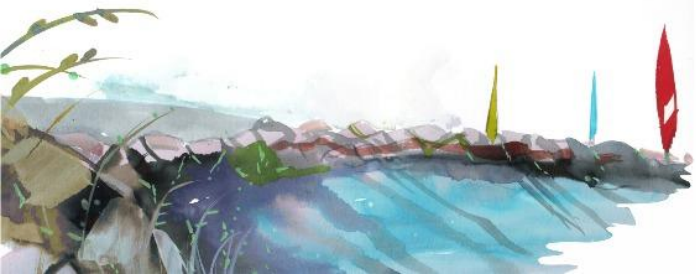
extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

Em meu processo poético, o habitar emergiu de questões de pesquisa, ainda durante o mestrado, e conduziu parte do processo criativo. Atualmente, o habitar, vinculado a questões climáticas, está na pesquisa como ponto de união, que parte de observações cotidianas e conflui para humanos e não humanos, em meio a espaços urbano e natural. Michel de Certeau (1998), na introdução do livro "A invenção do Cotidiano", diz que práticas cotidianas como ler, conversar, habitar e cozinhar não são capitalizadas, sendo formas de apropriação e habitação do espaço. Gaston Bachelard (1993), também explora a ideia de que o local do habitar pode ter várias conformações, desde as mais habituais como casa e lar, até as mais peculiares como sonhos e pensamentos.

Portanto, o habitar passa pela aquisição de significado para o habitante, reforçando a afetividade e a manutenção da identidade pessoal. O espaço físico com significado, sensações, percepções e emoções, sendo também algo impalpável, construído de forma abstrata pela soma de experiências e formas particulares de percepção.

É possível perceber que há uma ligação geral na forma como alguns teóricos veem o ato de habitar. Para Yi-Fu Tuan (2013, p. 14), "O lugar é uma classe especial de objeto. [...] embora não seja uma coisa valiosa, que possa ser facilmente manipulada ou levada de um lado para outro; é um objeto no qual se pode morar". Isso nos permite pensar o habitar como um local de ambientação, uma relação significativa para o indivíduo ou "um objeto habitável". O arquiteto finlandês Juhani Pallasmaa (2017, p. 8) considera que a noção de lar vai muito além dos limites físicos e espaciais, apresentando o habitar como algo simbólico que é ordenado pelo acervo do habitante, onde os corpos, necessidades físicas e identidades são acomodados. Nesta pesquisa, considero os ninhos como detentores das significações necessárias para aproximar, em uma observação do ambiente habitado. Segundo Bachelard (2008, p. 258-259), "O ninho, para o pássaro, é, sem dúvida, uma terna e quente morada. É uma casa de vida: continua a envolver o pássaro que sai do ovo. [...] é uma penugem externa que o recobre antes que sua pele nua encontre a verdadeira penugem



corporal.” O potencial de segurança e conforto faz com que o ninho, apesar de sua aparente fragilidade, seja, mesmo em proporções reduzidas, um lugar de proteção e de preservação.

Encontro para o processo criativo um pedaço do meu habitar, parte na qual me percebo envolvida pela simplicidade de um ambiente que detém alguns resquícios de um ambiente natural em meio à urbanização e que, ao ser observado, passou a ser significativo. Minhas referências têm sido recortes desse local habitado que, mesmo envolto ao desenvolvimento urbano, compõe um ecossistema.

E a partir do momento em que inúmeras pessoas perderam suas casas na enchente de maio de 2024 aqui no Rio Grande do Sul, e que muitas ainda estão desabrigadas, sem saber quando e como poderão retomar a normalidade de suas vidas, lançar um olhar para a arquitetura não humana permite considerar algumas questões vinculadas às construções humanas.

Esse comparativo não se dá apenas pelos processos construtivos, mas também se volta para a proteção e o afeto, sem esquecermos de avançar nas questões diretamente ligadas à habitação, como: localização, valoração de territórios e falta de planejamento urbano.

O Habitar das Formigas: Aprender com a Coexistência

Estamos inseridos em um mundo que abriga humanos e não humanos e, sem dúvida, nossa existência tem sido sinônimo de extração e depósito de maneira imprudente. Conseqüentemente, impactamos e transformamos o meio ambiente. Mas quais serão as soluções para tornar esse impacto positivo ou menos degenerativo?

Parto de uma observação pessoal para o ato de habitar, o qual considero que ocorre de inúmeras formas. O mais comum seria pensar em seus sinônimos: morar, residir, domiciliar. Porém, penso o habitar de forma mais ampla, como um momento de parada, de troca, de afinidade e além. O intuito é considerar possíveis caminhos



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

adaptativos encontrados por existências não humanas e, assim, cogitar ajustes de nossas ações sem prejuízo e de modo eficiente. Desse modo, retomo Juhani Pallasmaa, que vê no ato de habitar uma forma de transformar e significar a partir de trocas. Onde “Por um lado, o habitante se acomoda no espaço e o espaço se acomoda na consciência do habitante” (PALLASMAA, 2017, p. 7).

Pensando na coexistência entre urbano e natural, humano e não humano, considero nos diferentes “habitares” a possibilidade de fazer distintas apropriações em arte. De modo geral, observo no entorno aves, insetos, entre outros; porém, para o momento inicial, me detive na observação das formigas e sua forma de habitar. Entre os seres não humanos, um dos mais ambientados ao espaço urbano é a formiga, que no geral vive em associação com o humano para a aquisição de alimentos.

No entorno do local onde vivo, encontrei, em uma forma específica de habitar das formigas, um motivador para o processo criativo. Ao redor, percebo várias espécies de formigas, cada uma com suas características: algumas habitam os solos, outras localizam-se em troncos e há também as que fazem ninhos que se estendem na superfície. Sempre que a ação humana, intempéries ou outros fatores os destroem, em poucas horas é possível ver a retomada dessas construções no mesmo lugar ou em outro local próximo. Ao observar essas estruturas, comparo-as, a partir do meu conhecimento humano, a edificações de moradia. A partir de então, passo a pensar nas relações entre as construções humanas e construções animais.

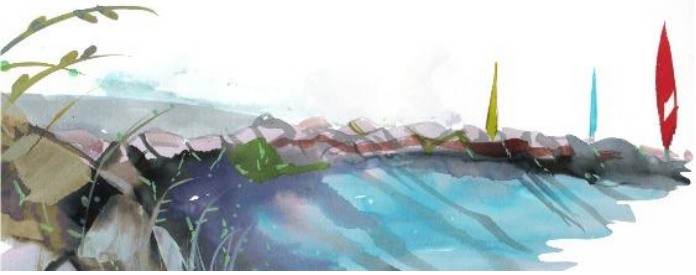
O ninho que especificamente chamou minha atenção foi uma estrutura exterior de formato arredondado, que me lembra muito construções neolíticas como as de Newgrange e Knowth⁴ na Irlanda (Imagem 3) e que se destaca pela perfeição da “abóbada” formada. Nessa observação do ninho da formiga⁵, encontro possibilidades para refletir e propor um olhar responsável e coexistente, considerando peculiaridades tanto nos espaços naturais quanto nos espaços urbanos.



Imagem 3. Murunu- ninho e formigas, Fonte: arquivo da autora,2024 / Newgrange e Knowth- construção neolítica. Fonte: arwtravels, 2024.

Para esse primeiro momento, tracei uma relação visual entre a mobilidade humana, do ir e vir, vinculado à mobilidade pendular⁶, dos deslocamentos diários entre os compromissos sociais e humanos, com os movimentos das formigas para suprirem suas necessidades. Como este processo de pesquisa leva em conta a coexistência entre espécies e as relações entre o espaço urbano e o natural, nada mais trivial do que as relações entre formigas e humanos.

Ao pensar quais superfícies seriam utilizadas para receber a projeção de vídeos, considerei a possibilidade de dispensar a tela ou a parede branca. Optei por expor alguns elementos de forma suspensa ou pendular em uma videoinstalação. A escolha de trabalhar com o vídeo também me auxilia a conectar ideias com a prática e aproximar a proposta do público. Ao explorar o significado etimológico da palavra “projetar”, que é a principal forma de apresentação de vídeos em arte, é possível perceber que a ação de projetar remete ao ato de lançar, arremessar, estender para fora. Percebo que, ao escolher projetar vídeos em objetos, também lanço questionamentos sobre vivências e coexistências entre seres e ambientes. Pretendo que a imagem projetada possa “habitar” o espaço do objeto, apropriando-se dele por um período.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

Proponho, inicialmente, refletir sobre o habitar, partindo de um coabitar entre seres humanos e não humanos, indagando como um influencia na vida do outro, seja de maneira positiva ou negativa. No contexto específico desta pesquisa, as questões de mobilidade e habitação são analisadas através dos deslocamentos entre espaços e colocadas de forma poética nos vídeos.

Partindo dessas colocações, desenvolvi a vídeoinstalação “Antrópico”⁷ (Imagem 4) propondo um olhar para a mobilidade de subsistência, trabalho colaborativo e ações naturalmente ecológicas das formigas, em contraponto com a existência predatória humana, que cria para si outras necessidades que vão além da manutenção da vida. Reconheço que muitas dessas necessidades que adquirimos são necessárias para as subjetividades humanas, mas o consumismo imediato e o bem-estar pessoal muitas vezes passam do limite do aceitável.

Video Antrópico



Vídeo Antrópico reverso



globo com esculturas

Imagem 4. Projeto da vídeoinstalação Antrópico, 2024 dimensões variáveis, bolas de Pilates, globo de escultura e vídeos. Fonte: arquivo da autora.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

Na imagem a seguir, é possível ver parte da obra **Antrópico** (Imagem 5), que consiste em dois globos que funcionam como “telas” para a exibição dos vídeos “Antrópico” e “Antrópico reverso”. A composição também integra uma esfera, feita de esculturas, utilizada em outros momentos de minha poética. As duas esferas nas quais os vídeos são projetados tendem a ter um leve movimento, por ficarem suspensas em fio de nylon, enquanto a terceira esfera é acionada por um pequeno motor que cria um movimento giratório. Esta esfera de esculturas tem uma relação direta com o humano e o planeta, seus movimentos e transições.

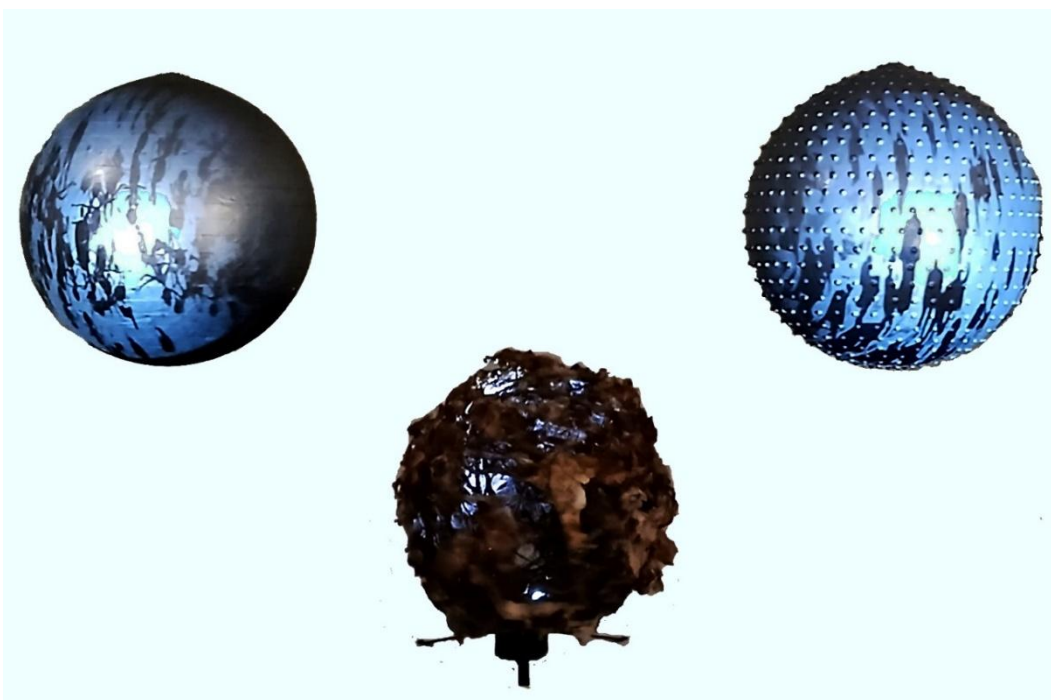
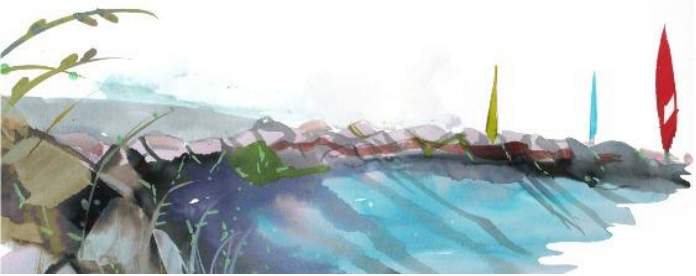


Imagem 5. Videoinstalação *Antrópico*, 2025. Fonte: arquivo da autora.

Desse modo, assim como Bruno Latour (2012, p. 28), em sua teoria do autor-rede (ANT - *Actor-Network-Theory*), identifica-se a uma formiga como “um viajante cego, míope, viciado em trabalho e farejador, e gregário”. Identifico a nós, humanos, como formigas predatórias que, em sua miopia, têm dificuldade de visualizar além das suas próprias necessidades. Com a criação de vídeos, reflito sobre questões como a densidade populacional, consumo, deslocamentos, infraestruturas necessárias para



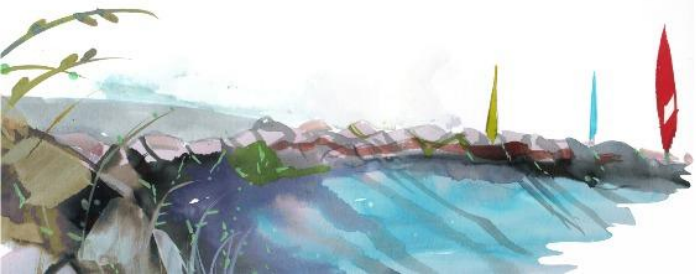
comportar o número existente de habitantes humanos nas cidades, entre outros aspectos.

Considerações Finais

A emergência climática é uma realidade e exige ação, envolvimento e conhecimento das mais diversas áreas. É necessário conscientizar as pessoas sobre questões ambientais urgentes, como as mudanças climáticas, a redução da biodiversidade, a poluição e a degradação do meio ambiente. A arte com vínculos sustentáveis muitas vezes acaba por abordar também questões socioeconômicas, culturais, políticas públicas e ambientais.

Ao observar distintas formas de habitar, vinculando-as à inteligência adaptativa inerente a não humanos como as formigas, podemos encontrar possibilidades de mitigação das transformações climáticas. A capacidade de ajustar e transformar, demonstrada por diferentes espécies em sua organização social e reorganização de espaços diante de perturbações e adversidades, pode oferecer repertórios de soluções adaptativas. Com base nas formas como constroem e se ajustam ao ecossistema, sem as tendências destrutivas que muitas vezes marcam a ação humana.

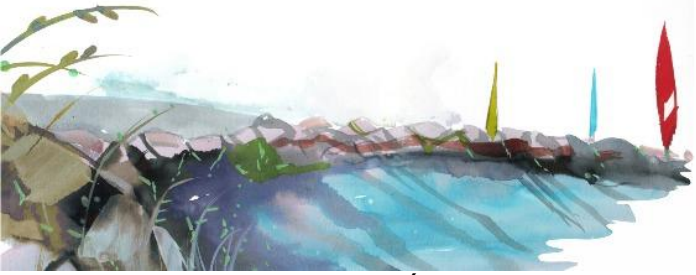
Em um contexto de mutação climática, a arte contemporânea tem papel de ferramenta de resistência que busca promover a conscientização da necessidade de mudanças das nossas relações com o mundo ao redor. A combinação da arte com o ativismo pode ter bons resultados, por meio da comunicação criativa. Tem como premissa chamar e conectar o público com a importância da conscientização ecológica, abordando temas como mudanças climáticas, fragilidade do mundo natural, relações entre humanos e ambiente. Este é o papel da arte e cultura na criação de um futuro sustentável. A arte contemporânea tem desempenhado um importante papel na narrativa da emergência climática e, de forma crítica, oferece outros olhares e possíveis soluções criativas para uma vivência sustentável. Incentivar uma



compreensão mais profunda e empática do nosso lugar no mundo é essencial. A arte nos guia na busca por um futuro mais sustentável e harmonioso.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o Contemporâneo?** In: O que é o Contemporâneo? e outros ensaios. Trad.: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- ARWTravels. **NEWGRANGE & KNOWTH**: desenterrando o passado neolítico da Irlanda. [S. l.]: ARWTravels, 2024. Disponível em: <https://www.arwtravels.com/pt/blog/newgrange-knowth-visita-ao-passado-neolitico-da-irlanda-bru-na-boinne>. Acesso em: 10 jun. 2024.
- BRIDLE, James. **Maneiras de ser**: animais, plantas, máquinas: a busca por uma inteligência planetária. Trad.: Daniel Galera. São Paulo: Todavia, 2023.
- CANOGAR, Daniel. **Small Data**. 2014. Disponível em: <https://www.danielcanogar.com/work/esc>. Acesso em: 20 abr. 2025.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. 3ª edição, Petrópolis: Vozes, 1998.
- CRUTZEN, Paul J; STOERMER, Eugene F. O antropoceno. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, seção Extra!, 06 nov. 2015. Disponível em: <https://piseagrama.org/extra/o-antropoceno/>. Acesso em: 08 jun. 2024.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- ELIASSON, Olafur. **Ice Watch**. 2014. Fotografia: Charlie Forgham-Bailey, 2018. Disponível em: <https://olafureliasson.net/artwork/ice-watch-2014/>. Acesso em: 23 mar. 2025.
- IPAM Amazônia. **Antrópico ou antropogênico**. Glossário. [S. l.]: IPAM Amazônia, [20--?]. Disponível em: <https://ipam.org.br/glossario/antropico-ou-antropogenico/>. Acesso em: 28 jun. 2024.
- JARDIM, A. de P. e ERVATTI, L. R. **Migração pendular** intrametropolitana no Rio de Janeiro: reflexões sobre o seu estudo a partir dos Censos Demográficos de 1980 e 2000 Rio de Janeiro, IBGE, 2007.
- LATOURETTE, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução a teoria do ator rede. Salvador: EDUFBA, São Paulo: EDUSC, 2012.
- MALM, Andreas. **O mito do antropoceno**. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, n. 8, p. 24-31, set. 2015. Artigo publicado originalmente na revista Jacobin. Disponível em: <https://piseagrama.org/artigos/o-mito-do-antropoceno/>. Acesso em: 20 mai. 2024.



MEU DICIONÁRIO. **Murundu**. [S. l.]: Meu Dicionário, [20--?]. Disponível em: <https://www.meudicionario.org/murundum>. Acesso em: 20 jun. 2024. PALLASMAA, Juhani. **Habitar**. São Paulo: G.Gili, 2017.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

Notas

¹¹ Bolsista CNPq, doutoranda em Arte e Tecnologia pelo programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - PPGART UFSM. Membro do LABART (Laboratório de Pesquisa em Arte Contemporânea, Tecnologia e Mídias Digitais) do Projeto de Extensão: Arte, Cinema e Audiovisual e do Projeto de Pesquisa: MACT - MUSEU ARTE CIÊNCIA TECNOLOGIA Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/1548351342079844>

² Original publicado em 2000 pelo IGBP (Programa Internacional da Geosfera – Biosfera) em newsletter Global Change.

³ Termo desmembrado com base nas informações de James Bridle na página, 25 ao referir-se à ecologia proposta por Ernest Haeckel e também na informação disponibilizada no artigo “O que é ecologia e o que ela estuda.” de Maria Sílvia Abrão na página UOL Educação. <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/ciencias/ecologia-1-o-que-e-ecologia-e-o-que-ela-estuda.htm#:~:text=Ecologia%20%C3%A9%20uma%20palavra%20de.no%20meio%20em%20que%20vivem>.

⁴ Construções neolíticas mais conhecidas e preservadas até a atualidade, *Newgrange* e *Knowth* (Irlanda), dois túmulos megalíticos construídos em 3200 a.C., sendo mais antigos que as pirâmides do Egito.

⁵ Após meses de observação de um murundu localizado no terreno, e de perceber, a ele, como uma estrutura construtiva bastante resistente às intempéries, não tive dúvidas: elegi para este momento as formigas para refletir sobre coexistências, mas principalmente para pensar suas atuações diante das intempéries climáticas. Murundu ou murundum: pequeno monte de terra, geralmente arredondado, construído por insetos como cupins e formigas. <https://www.meudicionario.org/murundum>

⁶ A mobilidade pendular define-se como o movimento realizado pela população que se desloca entre determinadas unidades espaciais de origem e destino, delimitadas pelo seu local de residência e pelo local em que trabalha e/ou estuda. Além de não ser de fácil definição, a mobilidade pendular envolve e/ou está relacionada a outras formas de mobilidade, como a residencial. Jardim e Ervatti (2007, p. 7).

⁷ Antrópico ou antropogênico: tudo aquilo que é gerado pela ação humana - glossário IPAM Amazônia - <https://ipam.org.br/glossario>